

## A ESCOLA INCLUSIVA: NÃO PERDEREMOS VOCÊ<sup>1</sup>, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

[Índice](#) [home](#) [Autores deste número](#)

Rosangela Valim  
Arnaldo Ap. Tiozzo

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo relatar um caso de aluno que teve como princípio em seu processo de aprendizado a inclusão social. Esse relato nos possibilita a pensarmos as ações inclusivas dentro de uma escola pública e suas contribuições para o desenvolvimento dos alunos.

**Palavras chave:** Inclusão Social, Ações Educativas, Escola Pública

### INTRODUÇÃO

Durante os últimos anos, o processo de inclusão de alunos nas escolas tem sofrido mudanças em relação a políticas públicas. No início do movimento a favor dos alunos portadores de necessidades especiais, a “integração” era o conceito que unia esses alunos aos alunos de classes regulares (Sasaki; 1999). Encontramos assim, duas realidades antagônicas vividas dentro da escola: a “sala de aula com alunos portadores de necessidades especiais” e a “sala de aula com alunos regulares”. Um segundo movimento das políticas públicas surge para garantir aos alunos portadores de necessidades especiais que frequentem as salas de aulas regulares. Desta forma, o paradoxo da inclusão se instala: como garantir a todos uma qualidade na educação sem excluir ninguém? A partir deste fato, o terceiro movimento das políticas públicas se faz mediante ao conceito de inclusão social. Neste sentido, as políticas públicas garantem: a Sala de Recursos, como apoio técnico; curso de formação para professores se especializarem; material didático e digital. A inclusão social é uma realidade na escola pública. Não tem como mudar tal perspectiva em uma sociedade que tem como lembrança a revolução industrial. O mundo contemporâneo exige outras

---

<sup>1</sup> O título tem como referência o objetivo do Projeto Político Pedagógico da EE de Romeu de Moraes.

necessidades, e tem como prioridade a comunicação, a informatização, a automação, etc. O processo de inclusão na escola pública é o da valorização do aprendizado e da produção de conhecimento; é o respeitar o tempo do aluno em seu processo de desenvolvimento; é a estética da sensibilidade, seja artística ou social; é o tempo da solidariedade na construção subjetiva de cada cidadão.

## **UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA PÚBLICA**

Pedro – nome fictício de nosso personagem – tem 14 anos. Atualmente frequenta o 8 (oitavo) ano do Ciclo Fundamental II da Escola Estadual Romeu de Moraes, localizada na Lapa, na capital. Chegou à Escola no início de 2008, mas não se socializava com nenhum aluno. Logo Pedro se viu sozinho, e desse modo, não manifestou vontade de interagir com os demais alunos.

Em sala de aula, Pedro não realizava as atividades propostas pelos professores tão pouco falava de suas dificuldades. Isolava-se num canto e com o olhar desconfiado não gostava que os outros se aproximassem. Os professores, por sua vez, não conseguiam o seu afeto, eles acabavam se afastando por compreenderem que ele era diferente. No pátio, Pedro brincava sozinho. Nunca víamos Pedro com outras crianças.

Um ano se passou, e muito pouco se fez para que Pedro pudesse falar de seus problemas. A família tornou-se ausente. A mãe chegou a comparecer na Escola no final do ano, e relatou que o seu filho não falava em casa; não dizia de seus problemas pessoais e o que acontecia na escola; não fazia lição de casa e nem trabalho em grupo. Ela disse que tudo isso ocorrera devido à morte do pai e que ele não tinha reagido a sua ausência.

Tal relato pela mãe nos chamou atenção e percebemos que alguma coisa estava errada. Assim como Pedro, provavelmente tínhamos outros alunos “invisíveis” dentro da Escola, alunos que não falavam de seus problemas e dificuldades; alunos que em seu tempo e espaço não conseguem ser igual aos outros; alunos que buscam em sua solidão alguma forma de responder o que as necessidades sociais e afetivas lhes cobram.

No ano seguinte, 2009, a EE Romeu de Moraes foi contemplada com a Sala de Recursos (SR). Segundo a Resolução 11 de 31 de janeiro de 2008 da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE), são alunos matriculados na SR aqueles portadores de “deficiência mental, físico e sensorial/múltipla” e que devem ser atendidos em “contraturno”. Por sensorial/múltiplo, ou multicausal, devemos compreender como a criança sendo portadora com mais de uma deficiência; por “contraturno” devemos compreender que o aluno deve ser atendido fora do horário de aula. Desta forma, Pedro não se enquadra em nenhuma especificidade. Porém, como vencer este desafio?

Segundo Mantoan (1997; 145), para que de fato ocorra à inclusão é necessário que mudemos nossa postura educacional. Para a autora,

*“A noção de inclusão institui a inserção de uma forma mais radical, completa e sistemática. O vocabulário integração é abandonado, uma vez que o objetivo é incluir um aluno ou um grupo de alunos que já foram anteriormente excluídos; a meta primordial da inclusão é a de não deixar ninguém no exterior do ensino regular, desde o começo. As escolas inclusivas propõem um modo de se construir o sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em virtudes dessas necessidades. **A inclusão causa uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita a ajudar somente os alunos que apresentam dificuldades na escola, mas apóia a todos: professores, alunos, pessoal administrativo, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral**”.* (grifo nosso)

É a partir desse referencial que os gestores pensaram estruturar a Escola, um referencial que deveria não só contribuir com os propósitos da Sala de Recursos, quais sejam, o aprendizado dos alunos e como pólo de atendimento às demais Escolas na região da Lapa, mas fundamentar as ações pedagógicas de todos os sujeitos dentro da Escola.

Para a SR, a Secretaria de Educação do Estado atribuiu aulas para uma professora com especialização na Área de Deficiência Mental. Algumas reuniões foram realizadas com a Gestão Escolar no início do ano e o desafio à professora não demorou a aparecer: como trabalhar com os alunos “invisíveis”?

A professora da SR apresentou a dificuldade em aplicar um currículo funcional para as crianças com diversas necessidades no processo de aprendizado, e que esse tipo de currículo era um orientador para as crianças com problemas multicausais. O conteúdo do currículo aborda higiene, saúde, valores, conhecimento do corpo, ética, orientação sexual, além de matemática, português, ciências, história e geografia. No entanto, é um currículo específico para o Jardim e os anos iniciais de Ciclo Fundamental I. Para os alunos que não se manifestavam em sala de aula, chegamos a um consenso: de que era impossível trabalhar nesse molde de currículo. Então, propomos que Pedro frequentasse a Sala de Recursos duas vezes por semana em horário normal de aula e que o seu currículo fosse montado à partir dos trabalhos a serem realizado junto com a professora. Apesar da estranheza, a professora concordou e a Gestão manifestou todo o apoio.

Na semana seguinte, Pedro chega à Escola em seu horário e, ao invés de ir para a sala de aula, vai para a SR. Inicia-se um processo que toma uma outra dimensão que não é mais a de inclusão dos alunos com portadores de deficiências visíveis. O currículo proposto leva em consideração os aspectos afetivos no processo de aprendizagem; parte da ordem social do aluno; resgata o que aluno aprendeu através dos símbolos apreendidos e que constitui a sua história de vida; passa a questionar os valores transmitidos pela Educação; valoriza o sujeito e sua constituição em sua forma estética; valoriza a leitura; além de trabalhar com português e matemática.

Nas primeiras aulas na SR, os desenhos de Pedro nos chamaram atenção: todos os seus desenhos eram caveiras. Percebemos que alguma coisa de muito pessoal e relacionado com a idéia da morte ainda estava muito presente em sua vida. Aos poucos, a professora resgata a história de vida de Pedro através da roda de conversa e ele confessa não ter conhecido o seu pai. A solidão é a sua marca e o silêncio ainda é profundamente predominante durante as aulas.



Desenho realizado pelo aluno como atividade proposta sobre afetividade.

Ainda tínhamos muito a fazer. Como Pedro continuava suas produções artísticas a partir desse referencial, a professora propôs uma re-leitura de trabalhos realizados por grandes artistas, como por exemplo, Vinicius de Moraes. Uma re-leitura da obra *Garota de Ipanema* surge a partir do seu olhar e que tinha como título *Garota do inferno*. Por que isso nos choca tanto? Por que o sentimento de estranheza nos ressalta quando escutamos esse título? Talvez porque não pensamos no aluno, mas sim de algo concreto e que tem referencial a partir do nosso mundo. É isso devemos olhar quando solicitamos algum trabalho para o aluno: o resultado deve ter como referencial a vida e os símbolos constituídos pelo aluno. Assim, Pedro produziu, no tempo dele, na forma dele e o que ele quis dizer. Ele disse algo ...

22/10/2010

GAROTA DO INFERNO

OLHA QUE COISA MAIS XATA, MAS CHEIA DE XATAS  
É ELA MENINA QUE VAI E QUE PASSA  
NUM AMRGO CAIA, ACANINHO DO INFERNO

MOÇA DO CORPO ASSOMBRAO, DA PUT. DO INFERNO  
O SEU REQUEBRADO É MAIS QUE POIS BEIJA  
É A MAIS GOTOSA QUE EU JÁ VI

O próximo passo foi dar apoio à professora da SR que passou a freqüentar a sala de aula regular junto com o Pedro. Esse movimento foi muito difícil: se por um lado a professora estava na sala de aula junto com o Pedro para ajudá-lo, por outro lado o aluno poderia ser estigmatizado. De início, a professora não sentou com Pedro, ela o olhava a distância e com um sorriso demonstrava a sua satisfação em estar ali, próximo a ele. Aos poucos Pedro não se preocupou com a presença da professora e quando ela entrava na sala de aula ele a convidava para sentar ao seu lado. Iniciou-se assim um trabalho de leitura e escrita. Esse trabalho tinha segmento na SR. Para a surpresa de todos os professores, Pedro passa fazer outros desenhos.



Essa experiência chega à reunião pedagógica de professores do Ciclo Fundamental II e um novo olhar sobre o currículo torna-se necessário. Não podíamos mais deixar o afetivo fora dos muros da escola: um sujeito não é só composto por sua parte cognitiva. As emoções são partes constitutivas do sujeito como protagonista de sua história. Na relação entre professor e aluno devem-se levar em consideração tais mecanismos.

Concordamos com Mantoan (2006; 48) quando afirma que

*“Para ensinar a turma toda, parte-se do fato de que os alunos sempre sabem alguma coisa, de que todo o educando pode aprender, mas no tempo e no jeito que lhe é próprio. Além do mais, é fundamental que o professor nutra uma elevada expectativa em relação à capacidade de progredir dos alunos e que não desista nunca de buscar meios para ajudá-los a vencer os obstáculos escolares”*

Em sala de aula, com os alunos do Ciclo Fundamental, passamos a realizar autoavaliação, em que o próprio aluno avalia o conteúdo apreendido nas disciplinas. Discussões são realizadas junto aos professores sobre a afetividade. Trabalhos coletivos são propostos como alternativas que contribuem na ação pedagógica. Não existe mais aluno “invisível”.

Pedro fica sabendo que o seu pai está vivo e a pedido da mãe realiza o teste de DNA. A princípio, Pedro volta a desenhar as caveiras, que algum tempo não desenhava. Fica calado e se isola. Aos poucos começa a expressar-se e dizer o que sentia em relação a esse novo fato. Continua a freqüentar a SR. Os professores em sala de aula o estimulam a ler em voz alta. Os professores solicitam os trabalhos, e, mesmo sozinho, Pedro realiza com muita satisfação.

Hoje, Pedro lê e escreve no seu devido tempo. Conversa com outros alunos apesar de encontrar dificuldade em relacionar-se. Realiza atividades propostas pelos professores e desenha outras formas que expressam o seu sentimento.

Neste sentido, acreditamos que estamos caminhando conforme os princípios da Declaração de Salamanca (1994), em que menciona que:

*“As escolas devem ajudá-los [os alunos] a se tornarem economicamente ativos e prover-lhes as habilidades necessárias no dia-a-dia, oferecendo treinamento em habilidades que respondem às demandas sociais e de comunicação e às expectativas da vida adulta. Isto requer tecnologias apropriadas de treinamento, incluindo experiência direta em situações de vida real fora da escola.” (Sasaki; 1999).*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Escola não pode ficar a parte do que está acontecendo na sociedade. Antigamente, trabalhávamos somente com os “bons”. Muitos de nós somos sobreviventes desse



período, mas muitos não conseguiram e foram deixados de lado, abandonados. A Escola foi por muito tempo excludente. Compete a nós, nesse momento da história, reverter esse quadro: a Escola tem outro papel na sociedade, isso é um fato.

Incluir é respeitar as diferenças, o tempo de cada um. É muito diferente de integrar. Muitas vezes apenas acolhemos, mas não incluímos de verdade. Deixamos de olhar para as verdadeiras necessidades do aluno, do ser humano que está em nossa frente.

Muitos professores ainda não estão preparados para esta demanda. Mas ficaremos parados? Não! Temos que buscar conhecimento, alternativas, quebrar barreiras, inovar! Isto demanda disposição, tempo e algumas noites mal dormidas. Esse desafio é nosso!

Pensando em inovação, o que podemos fazer nesta área? Em alguns casos, algo bem simples. Como por exemplo: conversar com o aluno, ouvi-lo, descobrir suas preferências, etc. Isso não é perder tempo, é acreditar no potencial do aluno, valorizando-o, segundo suas habilidades, seu talento.

Neste sentido, concordamos com Stainback (1997; 44) ao afirmar que,

*“Apesar dos obstáculos, a expansão do movimento da inclusão em direção a uma reforma educacional mais ampla, é um sinal visível de que as escolas e a sociedade vão continuar caminhando rumo a práticas cada vez mais inclusivas”.*

Uma Escola que respeita o aluno, o seu tempo e o seu espaço, todos os lugares são espaços de aprendizagem, sendo a sala de aula o espaço do reconhecimento, isto é, em que a forma de expressão deve ser reconhecida. O aluno não aprende em um ambiente “rígido”, em que não pode se manifestar.

Diante desse grande desafio, está o Gestor Escolar. O seu papel para que a Inclusão Social aconteça é fundamental, pois compete à ele providenciar a formação para os professores e funcionários; alocar recursos para a adequação física e material

especializado, mas principalmente, desenvolver uma cultura junto ao pais, alunos e toda a comunidade escolar.

Para a equipe da EE Romeu de Moraes, a inclusão tem um sentido amplo: consideramos também casos de inclusão alunos com défictis de aprendizagem, situações sociais de risco, falta de estrutura familiar, superdotados, etc.

O que almejamos é que o nosso aluno tenha personalidade, que ele seja autônomo e que ele seja ator da sua principal história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARANTES, Valéria Amorim (Org.) **Inclusão Escolar** São Paulo: Summus, 2006.

CARVALHO, Rosita Elder **Educação Inclusiva**: com os pingos nos “is” 7aed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér et al. **A integração de pessoas com deficiências**: contribuições para uma reflexão sobre o tema São Paulo: Memnon/SENAC, 1997.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér **A inclusão Escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? 2aed. São Paulo: Editora Moderna, 2006.

SASSAKI, Romeu Kazumi **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos 3aed. Rio de Janeiro: Ed. WVA, 1999.

STAINBACK, Susan e Stainback William **Inclusão**: um guia para educadores Porto Alegre: Artmed, 1999.

UNESCO, The Salamanca statement and framework for action on special needs education [Adotada pela Conferência Mundial sobre Educação para Necessidades Especiais: Acesso e Qualidade, realizada em Salamanca, Espanha, em 7-10 de junho de 1994]. Genebra: UNESCO, 1994.

**Rosangela Valim** Professora graduada em Geografia pela Faculdade de Educação, Ciências e Artes Bom Bosco e Especialização em Gestão Escolar pela UNICAMP. Atualmente Diretora da Escola Estadual Romeu de Moraes, localizada na Lapa, São Paulo. Desenvolve pesquisa na Área de Gestão Escolar e Escola Inclusiva.

# Revista Pandora Brasil

Revista Pandora Brasil Nº 24 – Novembro de 2010  
“Inclusão em Educação: Caminhos, Políticas e Práticas”

**Arnaldo Aparecido Tiozzo** Professor graduado em Filosofia pela UNESP, Especialização em Psicologia pela USP, Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP e doutorando pela Faculdade de Educação da UNICAMP. Atualmente atua como Coordenador Pedagógico do Ensino Fundamental II (do 6 ao 9 ano) da EE Romeu de Moraes, Lapa, São Paulo.